



Sindipetro RJ Filiado à **FNP**
Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro

21 3034 73 00
sindipetro.org.br
contato@sindipetro.org.br
ACESSE NOSSAS MÍDIAS



ANO 9 - Número 427 - Especial Principais Lutas de 2025



16 DIAS QUE ABALARAM A PETROBRÁS

O ano de 2025 tem o signo da luta! Trouxe à tona toda a pauta e a insatisfação latente dos petroleiros e petroleiras. Começou com a eclosão das greves que tiveram como carro chefe o Teletrabalho e o calote da PLR, passou pela Vigília contra os PEDs e culminou na recente e maior greve das últimas décadas, encerrada na virada para 2026.

Seja pela obsessão em

cumprir as metas ditadas pelo capital, seja pela arrogância característica da patronal, a alta administração não enxergou as bolhas insurgentes que chegavam à superfície. Não acreditou que a greve viesse e muito menos com tamanha adesão e disposição e acabou por jogar a empresa em 16 dias de conflitos e prejuízos.

Quem não estava no sindicato dia 30/12 e não

pôde debater as mudanças de cenário que ocorreram da manhã para a noite, provavelmente ficou confuso e frustrado com a decisão da assembleia pelo encerramento da greve e a assinatura do acordo.

Dizia o filósofo que a maioria dos acontecimentos são indizíveis, mas queremos nos arriscar a trazer essa reflexão sobre tal feito histórico que acabamos de protagonizar.

Uma greve espetacular, que não conquistou tudo o que poderia, mas freou ataques, evidenciou maldades e fortaleceu a categoria para as próximas batalhas

A greve arrancou algumas cláusulas com ganhos financeiros - como o abono, o vale mercado, o reembolso parcial de passagens, alguma melhoria no HETT - e evitou ataques maiores a setores como o SMS (diminuiu o tamanho do POB usado como linha de corte dos técnicos de enfermagem e evitou o aumento da carga horária de médicos e dentistas atuais), entre outras questões.

Por outro lado, não tivemos reposição salarial, foi ínfimo o “ganho real” (negado aos Aposentados!), não avançamos no Teletrabalho e saímos com não mais que “compromissos” e “GTs” sobre PEDs, Plano de Cargos e outros temas. Retroces-

so foram impostos, como a questão dos custos da APS, o aumento diferenciado para os aposentados, a supressão de folgas - temas que manteremos vivos em nossas lutas.

Do que ninguém tem dúvida, entretanto - e é fundamental compreendermos a importância disso - é que lutamos até o último minuto e não recuamos diante das ameaças e intransigência do RH.

Disputamos até o fim pelo fortalecimento da greve e só recuamos quando quase todos os sindicatos já haviam aprovado o acordo e avançava a judicialização. Concluímos que seria um risco muito alto seguirmos sozinhos no movimento.



Menos ACT, mais acionistas...

A greve teve como estopim os ataques diretos e o ACT e como pano de fundo a política de austeridade imposta pelo governo e alta administração para beneficiar acionistas bilionários e outros interesses em ano eleitoral.

Foi parte de uma mobilização

permanente que enfrentou os interesses do imperialismo na sua busca em se apropriar da renda petroleira e do patrimônio do povo através da escandalosa distribuição de dividendos, dos leilões de reservas, de privatizações e, de novo, da imposição de cortes de direitos e remuneração via ACT.

Esse embate aprofundou o descrédito na gestão Magda e abalou a esperança de muitos de que neste governo, além de estancar a privatização, haveria mudanças

estruturais ou pelo menos avanços significativos e, definitivamente, a truculência e a má fé não ocupariam o lugar da escuta e do diálogo de verdade com os trabalhadores e seus representantes.

Não se tratava só do ACT, tocamos na ferida que somos nós que produzimos as riquezas e podemos impor uma distribuição diferente da que sonham os patrões e recolocar a Petrobrás como instrumento voltado ao desenvolvimento do país e a serviço do povo brasileiro.

... e cuidado com certas pessoas!

As imposições unilaterais ignoraram o diálogo e atropelaram conquistas. Somado ao autoritarismo, as constantes e desrespeitosas enrolações e “pegadinhas” do RH foram minando a confiança dos trabalhadores na empresa, desnudando a estratégia da gestão Magda de priorizar o “aperto de cintos” dos trabalhadores para garantir os lucros estratosféricos dos acionistas.

Dezembro: entra em cena a mais forte e importante greve petroleira das últimas décadas

Uma greve que colocou em cheque a agenda liberal de austeridade, impedindo que o governo e a gestão aprofundassem o “aperto de cintos” e desmascarando a política da gestão, traduzida no lema do “Menos Acionistas, Mais ACT”.

É preciso enfatizar que este governo não foi sequer capaz de repor a perda abaixo da inflação de Temer e Bolsonaro e não se dignou a garantir a ultratividade e a validade por um ano do Acordo - coisas que inclusive não significariam qualquer desembolso para a empresa.

Sem falar que segue a farra dos dividendos e os leilões de petróleo, a entrega às multinacionais, inclusive em áreas sensíveis, na contramão da transição energética.

E para os anais da história, o mais grave, mais um feito antidemocrático: a opção pelo dissídio no TST, que apela para uma prática que remonta FHC.

O protagonismo do Sindipetro-RJ no processo da greve foi decisivo para os rumos da mobilização nacional. Ao manter a coerência tática e a independência política, o RJ ajudou a pavimentar o caminho, em

meio às incertezas das negociações e às direções vacilantes.

Nossa greve foi se desenrolando numa crescente, com o Offshore, Boaventura e Terminais da Transpetro na vanguarda, e puxando setores importantes como a Operação, Planta Piloto e outros setores do CENPES, uma camada de ativistas dos prédios ADM e da PBio.

Importante ressaltar a Vigília dos Aposentados, essa parte discriminada da nossa categoria, que vê a cada ACT acumularem-se as perdas históricas e que se insurge contra os PEDS, pela cobrança da dívida que a Petrobras tem para com o plano PPSP 1/BD e contra a migração, que se iniciou antes da greve e manteve-se durante o movimento sob sol e sob chuva.

Orgulhamo-nos também da condução democrática e participativa que tivemos durante toda a greve, com plenárias quase diárias de grevistas. Em que pese alguma dificuldade para quem estava em outras cidades ou pontos mais distantes, foi um importante exercício de democracia operária e que ajudou a sentir o pulso da greve, analisar co-

letivamente nossas possibilidades e quais os próximos passos.

Tivemos apoio de diversas entidades nacionais e internacionais que se pronunciaram e, especialmente, da CSP-CONLUTAS, que teve participação ativa em todos os dias e nos principais momentos da greve e com quem sabemos que poderemos seguir contando.

Atravessamos longos dias de calor insuportável, que começavam nas comissões de convencimento, se consolidavam nas plenárias de grevistas e terminavam com as divisões de equipes para a luta do dia seguinte, sempre atentos ao cenário nacional e os rumos do movimento. Foram muitos atrasos, comissões de convencimento, a Vigília dos Aposentados, atos nas unidades e passeatas nas ruas - incluindo churrasco de grevistas e ceia natalina de tantos que ficaram longe de casa.

Pecamos ao não conseguir jogar mais pra fora nossa luta, disputar a sociedade, ganhar o conjunto dos trabalhadores para defesa de nosso patrimônio e para as condições de trabalho e de vida da nossa classe, unificar com outras categorias em

luta, a exemplo das ações que tivemos junto aos ecetistas.

A greve impôs uma forte pressão política e financeira sobre a empresa. Com a queda na produção de milhares de barris diários, o movimento atingiu o coração da produção: o Pré-Sal. Responsável pela maior fatia da extração nacional, a redução nestas plataformas gerou um impacto direto e imediato em toda a cadeia produtiva, ao contrário do que afirmou publicamente a Petrobrás (mentiu para os acionistas ou para os juizes?).

Ao perceber a força da paralisação, desde o início a Petrobrás recorreu ao Judiciário e se sucedeu uma guerra de liminares para solapar a mobilização, especialmente no Boaventura. Em uma medida considerada autoritária e antissindical pelos trabalhadores, o TST (Tribunal Superior do Trabalho) determinou a manutenção de 80% do efetivo em atividade. Atuamos também neste front, junto à Procuradoria Geral do Trabalho e ao TST, resultado na determinação do Tribunal para que a Petrobrás apresentasse a listagem do efetivo, ordem que ela simplesmente desrespeitou para bases do

RJ, assim como se recusou à mediação na PGT.

Foi uma greve imensa. Quebramos o tabu de que certos setores não podem parar. O que antes era visto como intransponível tornou-se chão conquistado pela organização e pela unidade na luta dos trabalhadores.

O resultado foi um amadurecimento histórico na organização da categoria, que soube identificar o jogo de cena. O desenrolar do movimento paredista derrubou a máscara da direção da FUP. Não é pouca coisa começar o desmonte do movimento no auge dele, como fez a FUP, quando, na véspera de Natal, resolveu entregar a luta no primeiro round. Como explicar que a FUP co-

meça a votar o fim da greve com setores ainda aderindo ao movimento e justo quando a produção do Pré-Sal começa sufocar financeiramente a empresa?

No auge do movimento, veio a indicação de saída da greve. E foi aí que a história petroleira registrou a base da FUP atropelando sua própria direção, dado o abismo entre a disposição de luta da categoria e o caminho colaboracionista da cúpula.

Apesar da “operação desmonte” iniciada pela FUP, a greve se manteve e ultrapassou o dia 23/12, com as bases do Sindipetro RJ junto com os outros sindicatos da FNP (LP, Amazônia, AL/SE) e também sindicatos da FUP (NF, ES, CE/PI, MG e Caxias).

Acreditamos que o subprodu-

to mais importante desta greve é a confirmação que a unidade pela base para lutar e a independência de classes, princípios defendidos pela atual gestão do Sindipetro RJ devem continuar sendo nosso norte. Coisa reconhecida por todos que lutaram e que inclusive se refletiu nas dezenas e dezenas de sindicalizações do período.

Era possível avançar. A Petrobrás estava encurralada. A pressão financeira sobre o Pré-Sal era o nosso maior trunfo. Juridicamente, estávamos no melhor momento para uma mediação que impedisse a supressão de folgas e garantisse direitos.

Quem não estava no sindicato durante o dia realmente pode ter ficado frustrado ou não ter entendido a opção de encerrar a greve. De ma-

nhã à noite, centenas de grevistas reunidos traçando os cenários e as soluções possíveis. O primeiro indicativo, sem tremer a mão, era que a greve continuasse. Mas os fatos supervenientes na manhã daquela terça mudaram a situação.

O NF faz nova assembleia e sai da greve e AL/SE também aprova o acordo. No LP, pressionados pelas liminares obtidas pela Petrobrás, setores significativos já retornavam ao trabalho. Perdemos a força da greve em parte importante da produção.

Ficou cada vez mais difícil calcularmos um passo que não fosse inócuo e/ou demasiado arriscado para os grevistas da base do RJ. A assembleia então entendeu que, nestas condições, não seria o caso de levar o Sindipetro RJ sozinho adiante.



Derrotar a direção da FUP é estratégico para unificar a luta da categoria

Ato falho estampado no site da Federação governista, a Petrobrás pôde contar com o “empenho da FUP para terminar a greve”, quando a direção do Sindipetro NF convocou uma assembleia para aceitar a mesma proposta que havia sido rejeitada dias

antes, sem nenhuma mudança concreta no cenário nacional e com a greve a todo vapor.

A greve provou - pela positiva e pela negativa - que a unidade da categoria para lutar só se consegue derrotando a direção da FUP.

Só quem pode, em última instância, nacional e sustentavelmente, cumprir esta missão, é a base da categoria mobilizada.

Seja com 1 ou 2 federações, com 14 ou 18 sindicatos, existem muitas formas para o sindicalismo de conciliação impor-se à “aritmética de ocasião”.

Trata-se, portanto, de desmascarar e derrotar este projeto em todas as instâncias e ambientes, de apresentar uma alternativa de direção. O Sindipetro RJ e a FNP também provaram, nesta greve, que é possível construir essa alternativa, com independência de classe e trabalhadores mobilizados.

Exagerar conquistas e ignorar limites desarma a categoria

Não concordamos com aqueles que - para passar pano pro patrão ou se autovalorizar - de uma hora pra outra mudam de opinião e passam a embelezar o ACT, fazem um “balanço” de dar orgulho ao RH, abstraem a correlação de forças estabelecida e, ao invés de explicar por que a greve foi desmontada no seu auge, destacam o “intenso processo de negociação conduzido pelas lideranças sindicais” (sic), apesar de todo mundo ter acompanhado a enrolação, intransigência e judicialização por parte da empresa.

Não vencemos como gostaríamos, mas forjamos uma força e unidade na luta que a Petrobrás agora teme. A experiência dessa luta e o acúmulo de forças é o nosso maior troféu.

Este orgulho talvez não seja o sentimento predominante agora e muitos não vislumbrem uma vitória próxima. Sejam pacientes conosco mesmos e estejamos abertos

às reflexões apontadas.

Recuar no momento certo não é derrota, é preservar a categoria para os próximos embates que virão. Saímos desse processo com um salto organizativo histórico, uma unidade pela base memorável e de cabeça erguida.

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas. Sun Tzu

Sabemos quem é a direção da Petrobrás; quem são seus aliados no movimento sindical; com quais sindipetros, federação e central sindical podemos contar; a força que temos quando nos movimentamos.

Seguiremos firmes em defesa de nossas pautas, de uma Petrobrás 100% estatal e pública e contribuindo para o exercício de uma ação sindical classista, com democracia operária, independência de classe, internacionalismo e contribuindo para a construção de alternativas, com esses perfil, para o movimento de massas brasileiro!



**LINHA DO
TEMPO DAS
NEGOCIAÇÕES
DE ACT E
GREVE**

FNP protocola a entrega da Pauta Reivindicatória do ACT 2025 junto ao RH da Petrobrás controlada, incluindo as subsidiárias Transpetro, TBG e PBio.

22/07

Em reunião com a FNP, a Petrobrás apresenta a sua 1ª proposta ignorando a pauta da categoria. A FNP rejeita de imediato.



02/09

A Petrobrás apresenta sua 2ª proposta de ACT.



16/10

Sindipetro-RJ convoca assembleias, indicando rejeição da 2ª proposta, e a necessidade de construção de uma Greve Nacional para começar em novembro.

22/10

Reunião com Sindicatos do Offshore promovida pelo Sindipetro-RJ.

04/11

Atos no ADM em Defesa do Teletrabalho no ACT, e mobilização unificada pelo ACT e contra desimplantes, com participação dos terceirizados que lutam pela jornada 14x21.



05/11

1º dia da Vigília dos Aposentados e Pensionistas no EDISEN pelo fim dos PEDS - “Petrobrás, pague suas dívidas com a Petros!”.



11/12

(1º dia) - Início da Greve Nacional Petroleira - “O Pré-Sal parou!”. 1ª Plenária dos grevistas.



15/12

(2º dia) Petrobrás judicializa a greve, mas movimento segue ganhando adesões!



16/12

(3º dia) - Greve continua com adesão histórica no Offshore. No CNCL, há corte de rendição, no TABG um grande ato com atraso de terceirizados e no CENPES tem início a negociação da contingência.

17/12

Sindipetro-RJ realiza uma live com o economista do ILA-ESE, Gustavo Machado, que apresenta um estudo comparativo com outras petrolíferas estrangeiras sobre salários na Petrobrás. Resultado: lanterninha entre 10 que fornecem base salarial.



04/09

Petrobrás chama reuniões temáticas para o ACT. A FNP se coloca contra a enrolação dos encontros, mas a FUP concorda com os encontros.



16/09

Conselho de Representantes do Sindipetro-RJ toma posse e delibera mobilizações



30/09

Atos promovidos pelo Sindicato na LOEP, EDISEN, EDIHB e Aeroportos chamam para uma Greve Nacional.



14/10

Assembleias nas bases rejeitam a 2ª proposta da empresa, aprovando a construção da greve.



14/11

Dia Nacional de Mobilização e reunião online com setores atacados durante as negociações de ACT.



19/11

Sindipetro-RJ promove manifestação no Aeroporto de Maricá contra os ataques e retrocessos promovidos pela Petrobrás nas negociações do ACT.



27/11

RH da Petrobrás chama reunião de ACT para apresentar a 3ª proposta, em meio às assembleias que aprovam a greve.

09/12

(4º dia) - Plenária de Greve do Sindipetro-RJ reúne mais de 330 grevistas que mostram a disposição do movimento. No CENPES, Operação e Utilidades, Operação de Facilidades e Planta Piloto (Turno HA) aderem à greve, com atrasos nos laboratórios da unidade.



18/12

(5º dia) - Passeata na Cidade Nova mostra solidariedade de classista entre petroleiros e trabalhadores do Correios que também estão em greve.



19/12

(7º dia) - Domingo, churrasco dos grevistas na sede do Sindipetro-RJ, e a Petrobrás pressionada chama FNP para uma reunião no EDISEN e uma 4ª proposta é apresentada pela empresa que foi rejeitada logo de cara. A greve segue forte e crescente.

21/12

(8º dia) - A greve chega ao seu auge, mas a FUP indica aceitação da nova proposta da Petrobrás querendo desmobilizar a categoria.

22/12

(9º dia) - Plenária lotada vota pela continuidade da greve. Bases da FUP começam a aceitar a proposta. Vigília dos Aposentados é encerrada.



23/12

(10º dia - Véspera de Natal) - Café natalino no CENPES, Sindicato promove ceia com os grevistas!



24/12

(11º dia) - Papai Noel petroleiro está em greve! No aeroporto de Maricá, Offshore segue aderindo.

(12º dia) - Petrobrás ajuiza no TST o pedido de Dissídio Coletivo de Greve, mas apesar disso a greve segue firme e forte no RJ!



25/12

26/12

(13º dia) - Reunião do Sindipetro-RJ com o Subprocurador Geral do Trabalho. FUP segue atuando para dar fim à greve.

(15º dia) - Diretores do Sindipetro-RJ e advogados do Sindicato chegam a Brasília para acompanhar de perto a situação no TST.



(16º dia) - Pela manhã, ato na ARM Rio. O Sindipetro-NF aprova a proposta da Petrobrás e pula fora da greve. No LP, sob assédio judicial, é iniciado o esquema de contingenciamento de 80% da operação. À noite, por conta do cenário, e um possível isolamento, a assembleia na sede do Sindipetro-RJ votou pelo fim da greve e aceitação da proposta.



27/12

29/12

30/12

O #tbt do Teletrabalho, 14/01, um dia inesquecível para o ADM da Petrobrás no RJ

O dia 14 de janeiro de 2025 entrou para a história da categoria petroleira. Numa demonstração de força inesquecível, mais de 1.500 trabalhadores administrativos ocuparam a frente do EDISEN para dizer em uníssono: nem um passo atrás no teletrabalho!



Qual é o saldo da greve dos petroleiros?

Sindipetro-RJ faz balanço da greve no Faixa Livre

Em entrevista ao Programa Faixa Livre, o diretor do Sindipetro-RJ Eduardo Henrique discorreu uma análise sobre como foi o movimento de 16 dias da Greve Petroleira Nacional.

CONFIRA AQUI NO QR CODE



Sindipetro RJ

Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro

www.sindipetro.org.br | Telefone: 21 3034-7300
Sede: Av. Passos, 34 - Centro - Rio de Janeiro - RJ CEP 20051-040
Subsede: R.Itassucê, 157 - Jacuecanga - Angra dos Reis - RJ CEP 23905-000

Redação: André Lobão (MTb 28.307-RJ), Rosa Maria Corrêa (MTb 15.814-RJ) e Kênia Rosa Cardoso

Edição: André Lobão (MTb 28.307-RJ)
Designer Gráfico: Wil Silva | POTI Comunicação - Impressão: 3 Graph | Tiragem: 20.000